

X SEMINÁRIO DO COMOMOMO BRASIL

ARQUITETURA MODERNA E INTERNACIONAL: *conexões brutalistas* 1955-75

Curitiba. 15-18.out.2013 - PUCPR



REPERTÓRIOS DA ARQUITETURA RECENTE EM BRASÍLIA

Pedro Paulo Palazzo

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília
Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília
Campus Darcy Ribeiro ICC Ala Norte Bloco A
70910-900 Brasília DF
(61) 3107-7449
palazzo@unb.br

Elane Ribeiro Peixoto

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo
Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília
Campus Darcy Ribeiro ICC Ala Norte Bloco A
70910-900 Brasília DF
(61) 3107-7449
elanerib@hotmail.com

RESUMO

Esta comunicação analisa três exemplares da arquitetura autoral de grande porte produzida em Brasília no século XXI. Além de serem todas resultados de concursos, essas obras têm em comum a genealogia dominante do brutalismo brasileiro. Tal origem preponderante é, porém, temperada nos três edifícios pelo cruzamento com elementos compositivos oriundos tanto de outros antecedentes históricos no seio da arquitetura moderna brasileira quanto de tendências recentes em projetos corporativos internacionais.

O edifício da Fundação Habitacional do Exército (FHE, 2005) assimila a circulação ampla do repertório brutalista, mas distancia-se dele pela volumetria analítica e pelo tratamento mais ameno da fachada. Na sede do Confea (2007), apenas reminiscências brutalistas são visíveis no dimensionamento dos elementos estruturais aparentes e na fachada opaca de fora para dentro. Considerando a sua volumetria sintética e circulação superlativa, a sede nacional do Sebrae (2008) vincula-se a uma expressão brutalista mais canônica, suavizada, todavia, pelo detalhamento que remete aos paradigmas atuais da arquitetura corporativa contemporânea.

As três obras se inscrevem, assim, numa conjuntura de interação entre duas influências. De um lado, as chamadas “escolas” modernistas canônicas de meados do século XX — carioca e paulista —, com presença marcante na construção da capital federal, mostram-se ainda vivas nesses projetos da primeira década século XXI. De outro, fica patente que práticas recentes da arquitetura internacional de edifícios de escritórios, tais como peles duplas e os freqüentemente criticados painéis metálicos, não se reportam apenas a interesses comerciais, mas fazem parte de uma cultura construtiva que permeia também as obras de caráter público. Outrossim, os memoriais redigidos pelos respectivos arquitetos evidenciam a transparência — no sentido sociológico — dessa inserção histórica. Nas diferentes versões dos textos elaborados pelos autores dos projetos, mesmo após a conclusão das obras, enfatizam-se conceitos como funcionalidade e “naturalidade” dos partidos adotados. Passam, assim, em grande parte ao largo das questões de composição e estética, demonstrando o quão introjetados esses elementos se encontram na prática dos arquitetos.

Palavras-chave: Brasília. Arquitetura Contemporânea. Arquitetura Corporativa

ABSTRACT

Use of Precedents in Recent Architecture in Brasilia: Fundação Habitacional do Exército, Confea, and Sebrae

This paper studies three examples of large-scale *architecture d'auteur* created in Brasilia in the twenty-first century. In addition to stemming from design competitions, these works have in common the dominant descent from Brazilian Brutalism. This origin is, however, toned down in all three buildings due to its crossing with compositional elements from both other historic precedents within Brazilian Modern architecture, and recent trends in international corporate designs.

The Army Housing Institute (Fundação Habitacional do Exército, FHE, 2005) appropriates the ample circulation of the Brutalist repertoire, but takes its distances from this repertoire by virtue of its exploded massing and softer façade treatment. The Federal Engineering and Surveying Board building (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, Confea, 2007) is little more than vaguely reminiscent of Brutalism, incorporating its oversized structural ideal and a façade that is opaque at least from the outside in. The headquarters of the Brazilian Service for Small Businesses (Sebrae, 2008) has a simple massing and exaggerated circulation that give it a more canonical Brutalist appearance. This is attenuated, however, by the detailing that is more closely related to current paradigms in corporate architecture.

These three works represent, therefore, interaction between two bodies of influence. On the one hand, so-called “schools” of canonical mid-twentieth-century Modernism in Brazil—namely, those from Rio and São Paulo—, ever-present in the construction process of the nation’s capital, remain alive in the first decade of this century. On the other hand, they make it evident that recent international corporate architecture has lent its elements, such as detached skins and the much-maligned metal-plate finishes, not only to private office buildings but also to a design culture that permeates civic buildings as well. Furthermore, the design statements from the architects evidence the transparency—sociologically speaking—of this historic context. In the different statements, written up even after construction, the designers emphasize concepts such as functionality and “natural” design solutions. They evade, therefore, all matters of composition and aesthetics, showing how much these features have become subsumed in the design culture of contemporary Brazilian architects.

Keywords: Brasilia. Contemporary Architecture. Corporate Architecture.

REPERTÓRIOS DA ARQUITETURA RECENTE EM BRASÍLIA

INTRODUÇÃO

Esta comunicação analisa três exemplares da arquitetura autoral de grande porte produzida em Brasília no século XXI. Todas são resultados de concursos e têm em comum vínculos, em maior ou menor grau, com o brutalismo brasileiro, bem como com a história da arquitetura brasiliense. Tais origens são, porém, temperadas nos três edifícios pelo cruzamento com elementos compositivos oriundos tanto de outros antecedentes históricos no seio da arquitetura moderna brasileira, quanto de tendências recentes em projetos corporativos internacionais.

O edifício da Fundação Habitacional do Exército (FHE, 2005–2008) assimila a circulação ampla do repertório brutalista, mas dele se distancia pela volumetria analítica e pelo tratamento mais ameno da fachada. Considerando sua volumetria sintética e a circulação superlativa, a sede nacional do Sebrae (2008–2010) vincula-se a uma expressão brutalista mais canônica, suavizada, todavia, pelo detalhamento que remete aos paradigmas atuais da arquitetura corporativa contemporânea. Na sede do Confea (1999–2010), apenas reminiscências brutalistas são visíveis no dimensionamento dos elementos estruturais aparentes e na fachada opaca de fora para dentro.

Apresentam-se inicialmente as normas urbanísticas que regem os setores onde foram implantados os edifícios em questão. Em seguida, faz-se um relato das principais transformações na arquitetura de uso coletivo em Brasília desde a inauguração da cidade até o período atual. Cada um dos projetos é descrito e analisado em sua implantação, volumetria, soluções estruturais e tratamentos plásticos, em particular de fachadas. Conclui-se cada análise buscando estabelecer correspondências com antecedentes históricos e a arquitetura contemporânea.

BRASÍLIA PROJETADA, BRASÍLIA CONSTRUÍDA

Muitos são os estudos que se dedicaram a explicar o desenvolvimento do Plano Piloto de Brasília (Figura 1), reconhecido como concomitante à construção da cidade. Dentre esses, são referências aqueles realizados por Antonio Carlos Cabral Carpintero (1998), Sylvia Ficher e Francisco Leitão (2010) e Jusselma Duarte (2010). A eles somam-se dissertações de mestrado e teses de doutorado. Essas pesquisas minuciosas levam em consideração mapas históricos do Plano Piloto da nova capital, para neles identificarem as alterações e os acréscimos sofridos durante a construção da cidade.

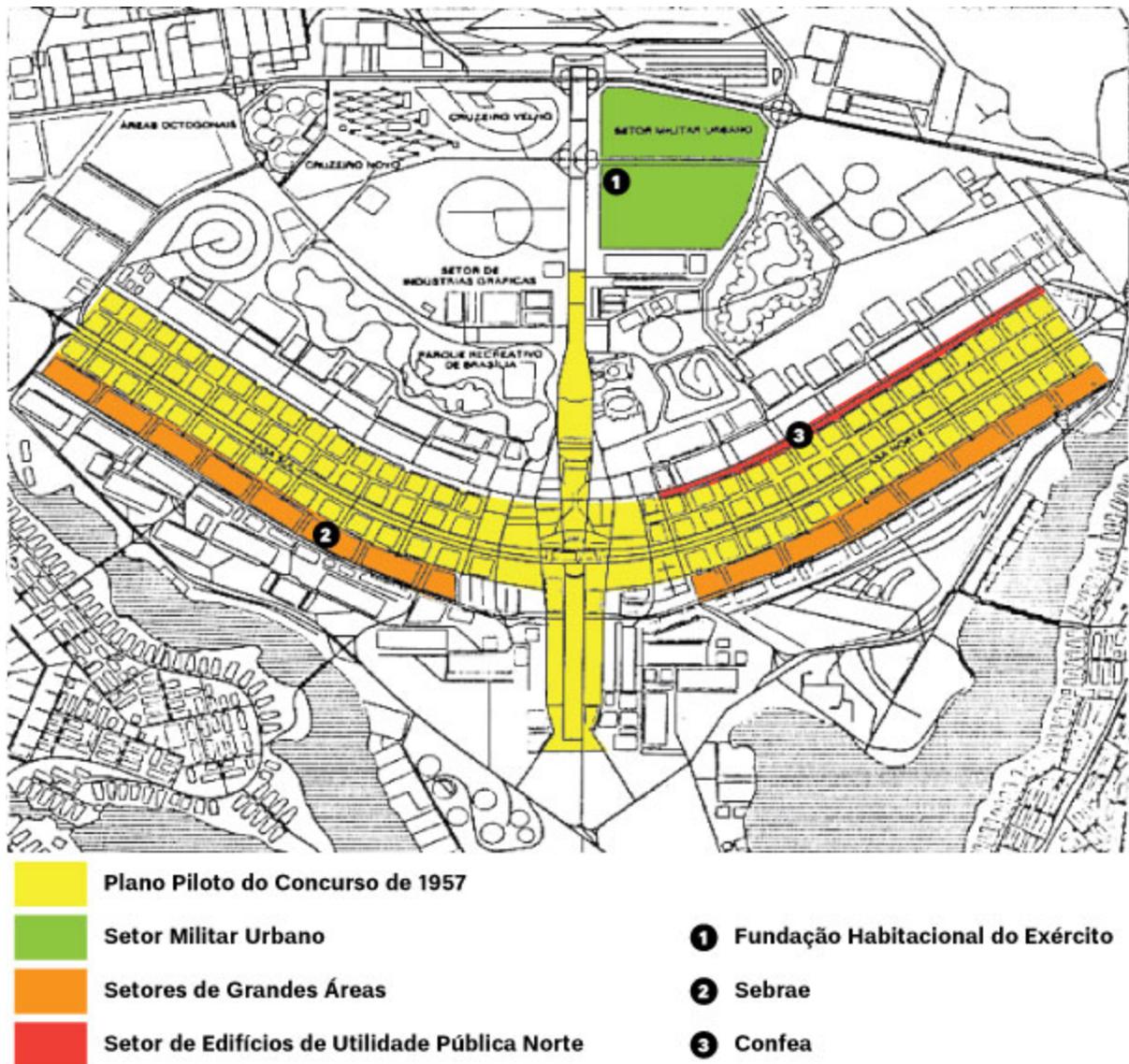


Figura 1. Plano Piloto de Brasília. Fonte: editado pelos autores a partir de planta sem data da Novacap, reproduzida em Costa et al. 1985

O desenvolvimento do Plano Piloto de Brasília (PPB) deu-se por duas direções: a Direção de Urbanismo (DU), situada no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Augusto Guimarães Filho e consultoria de Lúcio Costa, e a Direção de Arquitetura, sob a responsabilidade de Nauro Esteves, com sede em Brasília. Ambas pertenciam ao Departamento de Urbanismo e Arquitetura (DUA), dirigido por Oscar Niemeyer. Como esclarecem Ficher e Leitão (2010), os documentos de arquitetura e urbanismo dessas duas direções não eram, geralmente, assinados. Portanto, pouco esclarecem sobre a autoria das alterações sofridas pelo PPB durante a realização da cidade. Todavia, interessa para o propósito do presente artigo, esclarecer a origem das faixas destinadas aos grandes lotes e reservados ao uso institucional ou comercial, onde se localizam os edifícios aqui estudados, a saber: a Sede do Sebrae, localizada na SGAS 605, via L2 Sul, a Fundação Habitacional do Exército, no Setor

Militar Urbano próximo ao Eixo Monumental, e a sede do Confea, na CRN 707, via W3 Norte. Vale recuperar as principais alterações do Plano Piloto originalmente proposto por Lúcio Costa no curso da construção da cidade.

Carpintero (*apud* Leitão and Ficher 2010) identificou sete alterações no PPB e cronologicamente as ordenou. A primeira delas foi a indicação, feita pelo júri do concurso, de deslocar a malha urbana para leste de modo a aproximá-la do Lago Paranoá. A segunda consistiu na ampliação da área residencial, com a criação das faixas 400, a leste, e 700, a oeste. A aproximação da cidade ao lago suprimiu a proposição de habitações individuais previstas na margem oeste, sendo essas alocadas à margem sul e na Península ao norte do Paranoá: essa alteração é considerada a terceira. A quarta modificação do Plano Piloto de Brasília foi a criação das faixas a leste e oeste destinadas a grandes lotes para a instalação de equipamentos institucionais. Seguiram-se, ainda, alterações na Asa Norte, compreendendo “traçado, destinação e gabarito das quadras 500 e o acréscimo da ocupação comercial na face leste das quadras 700” (Leitão and Ficher 2010, 101), e por fim, a ampliação do centro urbano.

As transformações enumeradas, como ponderam seus estudiosos, corroboraram para alterar a configuração de Brasília como uma cidade linear:

O advento dessas faixas de quadras dispostas a leste e a oeste das asas – juntamente com o acréscimo das faixas 400 e 700 – alterou sobremaneira a estrutura global da cidade. De modo que a configuração predominantemente linear das asas recebeu um incremento no sentido transversal, acarretando fluxos transversais de trânsito não previstos e incompatíveis com o dimensionamento e geometria das vias de acesso local às quadras. (Leitão e Ficher 2010, 121)

Até os anos de 1960, as normas urbanísticas que regulamentavam a construção de edifícios na Capital Federal estavam contidas nas chamadas “Plantas Registradas”, desenhos em escalas menores de partes da cidade que continham por escrito seus índices urbanísticos. Essa espécie de documento foi muito representativa da etapa de construção que então ainda caracterizava de modo predominante a cidade. Nos anos 1980, foram substituídas pelas Normas de Gabarito de Brasília (NGB), que eliminaram os desenhos gerais, e tomaram o formato clássico de normas, expresso essencialmente por textos. Atualmente um novo instrumento legal para regular o uso do solo está em tramitação. Trata-se da Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) do Distrito Federal. Entretanto, esta não legisla sobre o Plano Piloto de Brasília, cabendo a este ser regulado por outro instrumento em tramitação, o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília (PPCUB).

Os Setores de Grandes Áreas (SGA), num dos quais se situa a sede do Sebrae, são descritos na NGB como reservados à implantação de Órgãos da Administração Pública direta e indireta no âmbito dos poderes federais, estaduais e municipais, instituições beneficentes, educacionais, religiosas,

empresas de pesquisa científica de processamento de dados, relacionadas à saúde, incluindo hospital com até 50 leitos. Os parâmetros urbanísticos mais relevantes que sobre eles incidem são o afastamento frontal de 20 metros do limite dos terrenos e 5 metros das laterais; taxa de ocupação de até 40 por cento que, somada à área pavimentada, não deve ultrapassar 70 por cento da área total; o gabarito permite a construção de até três pavimentos, estabelecendo como cota de coroamento a altura de 9,50 metros. Estabelecem, ainda, que a área de estacionamento deve estar contida dentro dos limites do terreno.

A sede da Fundação Habitacional do Exército foi construída em área do Setor Militar Urbano dotada de normas urbanísticas próprias e com restrições elementares, sendo a principal o limite de três pavimentos com gabarito máximo de 12 metros, definidos pelo decreto n. 569 de 1967, que instituiu o primeiro Código de Edificações de Brasília.

A avenida W3 tem gabaritos e normas de ocupação divergentes nas Asas Sul e Norte. Quando da expansão do Plano Piloto para oeste, destinaram-se a estabelecimentos comerciais de médio porte, com gabarito máximo de três pavimentos, ocupação integral do lote sem afastamentos, com marquises padronizadas e alinhadas junto à fachada principal. Essa ocupação foi implantada e consagrada na Asa Sul. Por ocasião da ocupação da W3 Norte, modificaram-se para esse trecho as normas de ocupação, instituídas pelo Decreto n. 569/67 e atualmente disciplinadas pela NGB 56/89. Não houve alteração significativa nos usos permitidos; entretanto, o gabarito e o padrão de ocupação dos lotes foram inteiramente transformados. A taxa de ocupação da superfície dos lotes é de 57 por cento sem exigência de permeabilidade, permitindo-se uma taxa de construção de 235 por cento, até uma altura máxima de 17 metros na cornija da edificação. A NGB exige afastamentos frontal e de fundos de três metros. Os afastamentos laterais são espelhados a cada duas quadras, determinando-se 15 metros de um dos lados e 5 do outro. Dentro do afastamento maior, é permitida a construção de uma torre de circulação vertical externa. Tal norma, acompanhada de croquis ilustrativo, condiciona sobremaneira o desenvolvimento do partido arquitetônico da edificação, buscando recuperar parte da uniformidade arquitetônica que existe na W3 Sul. Assim como nos Setores de Grandes Áreas, é exigida a construção de estacionamento dentro dos limites dos lotes. O cercamento é permitido desde que mantida a permeabilidade visual.

As legislações descritas acima visam, ostensivamente, a garantir a peculiaridade de Brasília em relação à sua configuração morfológica, resguardando o conceito de cidade-parque presente em sua concepção. Em 1987, o Plano Piloto de Brasília foi tombado por Decreto do Distrito Federal, cuja redação esteve a cargo do arquiteto Ítalo Campofiorito, como exigência para a classificação do PPB como Patrimônio da Humanidade.¹ Embora sejam reconhecidos os limites do tombamento da Capital Federal, restrito ao Plano Piloto e excluindo o conjunto das cidades satélites, ele garantiu a

manutenção das *escalas*² presentes na concepção da cidade. Mesmo não se situando nos grandes eixos de interesse e visibilidade de Brasília, os edifícios aqui estudados merecem atenção pelo porte e certa monumentalidade que os tornam exemplares representativos do que recentemente tem se construído na Capital Federal a partir de concursos públicos.

ALÉM DA ARQUITETURA EMBLEMÁTICA EM BRASÍLIA

Os edifícios de uso coletivo fora do circuito emblemático da arquitetura monumental de Brasília apresentaram ao longo dos anos transformações pautadas tanto pelas modificações nos planos urbanos apresentadas na seção anterior, quanto pelas tendências estéticas em vigor.

A arquitetura corporativa das duas primeiras décadas de Brasília foi dominada por autarquias e empresas públicas, tais como as celebradas sedes do Banco do Brasil (Ary Garcia Roza, 1959–1962) e do Banco de Brasília (MMM Roberto, 1965, Figura 2). Ambos são exemplares do racionalismo carioca hegemônico nos anos 60, arvorando o repertório completo com lâmina vertical sobre pilotis, térreo e sobreloja recuados do plano da fachada e afetando relativa transparência, pavimentos-tipo envidraçados com quebra-sóis ajustáveis e empenas cegas, e coroamento opaco. Apresentam, ainda, a característica circulação vertical escultórica encontrada em diversos edifícios residenciais e institucionais na década pioneira da nova capital.



Figura 2. MMM Roberto, Sede do Banco de Brasília, 1965 (esquerda); Ary Garcia Roza, Sede I do Banco do Brasil, 1959–1962 (direita). Fonte: autores

Poucas obras do modernismo canônico agraciaram os setores ditos de grandes áreas ou de utilidade pública, de gabarito mais restritivo, ao longo das Vias W3 e L2. Tem caráter único a sede da concessionária Disbrave (João Filgueiras Lima, 1965, Figura 3), por apresentar volumetria pregnante, dando-se o luxo de não aproveitar todo o potencial construtivo do lote, bem como o emprego de elementos pré-moldados típico do seu arquiteto.



Figura 3. João Filgueiras Lima (Lelé). Concessionária Disbrave, 1965. Fonte: autores

Nos anos 70, em sintonia com os movimentos arquitetônicos no Sudeste do País, construíram-se os primeiros edifícios brutalistas em Brasília. O projeto pioneiro do antigo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (atual Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, equipe da empresa Hidroservice liderada por Rodrigo Lefèvre, 1972–1974) apresenta os característicos superdimensionamento dos quebra-sóis em concreto aparente e introversão espacial, ainda que associados à volumetria analítica do racionalismo. A sede da Escola de Administração Fazendária (Pedro Paulo de Melo Saraiva, Henrique Cambiaghi, Sidney Meleiros Rodrigues, Sérgio Ficher e Bruno Padovano, 1973) foi situada fora do Plano Piloto, mas contou com gabarito e implantação semelhantes aos dos Setores de Grandes Áreas. Possui a típica solução estrutural unificada de sustentação e cobertura, introduzida na FAUUSP (João Batista Vilanova Artigas, 1968). Obra emblemática do brutalismo em Brasília é a Reitoria da Universidade (Paulo Zimbres, 1972, Figura 4),

que apresenta a característica espacialidade da FAUUSP com o grande átrio central, rampas e pavimentos intercalados.



Figura 4. Paulo Zimbres. Reitoria da Universidade de Brasília, 1972. Fonte: autores

A maioria das edificações construídas nas avenidas W3 Norte e L2 até o início da década de 1980 vinculou-se ao que Maria Elaine Kohlsdorf (2005) chamou *modernismo periférico*³, caracterizado pela reprodução em larga escala de aspectos plásticos do modernismo erudito, desprovido, contudo, das qualidades espaciais deste último. Longe de estarem restritos às cidades satélites, como sugere o nome, tais exemplares “periféricos” compuseram boa parte da malha linear da Via W3 Norte. Reproduziram, predominantemente, a racionalização construtiva em concreto e a horizontalidade de seus modelos eruditos. Destes se afastaram, todavia, por soluções mais convencionais de espaços internos, configurados como lojas, salas e corredores sem maior distinção, e fachadas repletas de letreiros comerciais ou simplesmente com planaridade exacerbada, característica da busca por maximização da área bruta locável e detalhamento construtivo deficiente.

A ocupação tardia do Setor de Grandes Áreas adjacente à Via L2 e do Setor de Edificações de Utilidade Pública na Via W3 Norte fez desses distritos mostruários privilegiados da diversidade arquitetônica presente nas décadas de 1980 e 1990. Em que pesem as restrições impostas, sobretudo na W3 Norte, verificou-se, especialmente na L2, uma profusão de alternativas volumétricas

e de implantações diferenciadas. Destacam-se nesta avenida os frequentes partidos compostos por pares de lâminas horizontais ligadas por passarelas ou *halls* de acesso, configurando plantas em forma de “H” ou de “U” abrigando indistintamente de hospitais a escritórios e faculdades. Universalizaram-se os cercamentos dos lotes, com ou sem obstrução visual. Na W3 Norte, respondeu-se às exigências de afastamentos e ao declive dos terrenos com implantações que rodearam os edifícios de barreiras arquitetônicas tais como muros de contenção, garagens elevadas, cercas ou apenas fachadas cegas.

Plasticamente, muitos dos edifícios recentes vinculam-se à estética do modernismo periférico, com espaços internos compostos de modo marcadamente utilitário e fachadas planas, cujos efêmeros revestimentos variam de acordo com as também efêmeras tendências do mercado imobiliário. Alguns exemplares dos anos 80 e 90 apresentaram tímidas alusões historicistas, tais como capitéis abstratos ou ameias. A partir da década de 1990 tem predominado, lado a lado com o modernismo periférico, uma arquitetura erudita de geometrias abstratas e livres, cuja epítome é o icônico Brasília Shopping (Ruy Ohtake, 1998, Figura 5).



Figura 5. Ruy Ohtake. Brasília Shopping, 1998. Fonte: autores

FUNDAÇÃO HABITACIONAL DO EXÉRCITO

O edifício sede da Fundação Habitacional do Exército (FHE, Figura 6) e da Pouplex foi projetado pelo escritório MGS (Danilo Matoso Macedo, Elcio Gomes da Silva e Fabiano José Arcadio Sobreira) com o extinto Quitanda Arquitetura e Imagem (Filipe Berutti Monte Serrat e Daniel de Castro Lacerda) e Newton Silveira Godoy, tendo sido vencedor de concurso nacional realizado em 2005.⁴ Os integrantes da equipe, em sua maioria jovens arquitetos, tiveram formações diversas, com maioria de graduados em Brasília.



Figura 6. Fundação Habitacional do Exército: vista desde o Eixo Monumental. Fonte: autores

A implantação da sede da FHE (Figura 7), inaugurada em 2008, segue o padrão dos edifícios administrativos de Brasília situados nas áreas da cidade onde domina a chamada “escala bucólica”, no Setor Militar Urbano. O lote, retangular e amplo, de orientação noroeste-sudeste, situa-se a cerca de 250 metros do Eixo Monumental, delimitado a norte por um bolsão de estacionamento e nos demais lados por áreas gramadas a perder de vista. As únicas edificações no campo visual de quem se encontra no local ao nível do solo são o Oratório do Soldado (Milton Ramos, 1973) e dois blocos residenciais de três pavimentos, todos três a cerca de cem metros da FHE, e a Catedral Militar Rainha da Paz, a quase 400 metros de distância. Os conjuntos de habitações unifamiliares mais próximos ficam ocultos por uma densa faixa arborizada.

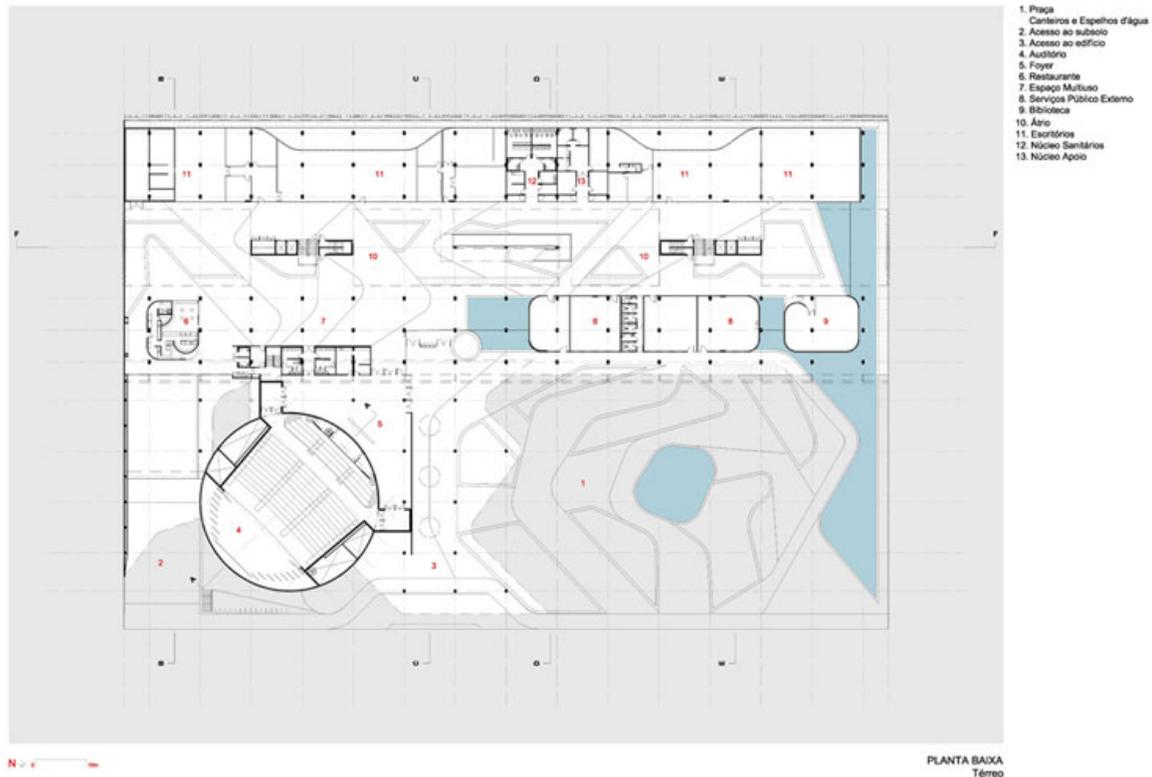


Figura 7. Fundação Habitacional do Exército: Planta do pavimento térreo. Fonte: MGS + Associados 2011

O perfil de coroamento da FHE reafirma a horizontalidade do Oratório e da paisagem vista desde o Eixo Monumental. O acesso principal é nivelado com a calçada, apresentando a característica continuidade visual entre circulações externa e interna pretendida por Lucio Costa para os pilotis dos blocos residenciais nas superquadras. A FHE apresenta partido volumétrico (Figura 8) analítico, destoando do Brutalismo de matriz paulista e mesmo dos exemplares brutalistas brasilienses, nos quais apenas a torre de circulação se destaca do paralelepípedo unitário. Divide-se em três componentes plásticos. O principal é um prisma alongado, em concreto moldado *in loco*, sobre pilotis no nível térreo, com quebra-sóis em alumínio colorido nas quatro faces externas. A este acoplam-se um cilindro mais baixo em concreto aparente, formando o auditório do conjunto, e uma marquise poligonal no acesso ao edifício. Aproxima-se o conjunto, portanto, de soluções canônicas do racionalismo carioca, lembrando em partido, ainda que não em geometria, o auditório do Ministério da Educação e Saúde (1936–1942) e a marquise da Casa do Baile, na Pampulha. O paisagismo, de autoria de Paula Farage e Vanessa Matos, remete, na fachada principal e no átrio da edificação, às formas amebóides geometrizadas empregadas por Burle Marx na Praça dos Cristais (1970), em frente ao Quartel-General do Exército.



Figura 8. Fundação Habitacional do Exército: acesso principal. Fonte: autores

Considerado isoladamente, o volume prismático vincula-se mais claramente à herança brutalista. Compõe-se de duas barras de pavimentos desencontrados, interligadas por rampas e pelo bloco de elevadores e escadas. O átrio de pé-direito triplo (Figura 9) comporta, além da circulação e do paisagismo, espaços de convivência. Remete, assim, ao partido adotado na Reitoria da Universidade de Brasília, semelhante à solução espacial antes implementada por Vilanova Artigas na FAUUSP. A horizontalidade e a linearidade da composição, entretanto, renegam a monumentalidade dos exemplos citados. Juntamente com a escala residencial dos pilotis livres no térreo, de pavimento único, lembram as proporções da arquitetura de Oswaldo Bratke mais do que a grandeza da FAUUSP ou do MES.



Figura 9. Fundação Habitacional do Exército: átrio. Fonte: autores

As fachadas do prisma têm como característica basilar a “fita” em concreto aparente, comum a todas as expressões modernistas no Brasil. Essa solução projetual sugere, visualmente, continuidade entre as empenas e a cobertura da edificação. A realização desse tema plástico não foi, todavia, dogmática, uma vez que cada empena é dotada de um amplo rasgo para iluminação lateral do átrio. Os quebra-sóis verticais nesses rasgos e na fachada sudoeste foram estudados quanto à orientação, protegendo quase todos os espaços de trabalho da insolação direta (Figura 10). A fachada principal, por outro lado, apresenta o conceito de pele dupla, com um painel inteiro revestido em alumínio suspenso diante do pano de vidro. Vincula-se, assim, mais diretamente a uma expressão da arquitetura contemporânea internacional, tanto pelo princípio de descolamento do plano da fachada com respeito ao volume da edificação — *leitmotiv* da arquitetura dita sustentável — quanto pela multiplicação dos materiais e das cores, em detrimento da unidade cromática que o modernismo herdou da tradição acadêmica.



Figura 10. Fundação Habitacional do Exército: empena com quebra-sóis. Fonte: autores

A sede da Fundação Habitacional do Exército tem, portanto, concepção arquitetônica multifacetada. Associa a volumetria analítica típica do Racionalismo carioca, tão freqüente nos edifícios da administração pública em Brasília nos anos 1960, a um volume prismático cuja inspiração espacial, ainda que não o tratamento dos materiais, é nitidamente brutalista por sua clareza e pela generosidade dos espaços de circulação. É, também, brutalista na disposição centralizada da circulação vertical, em contraste com as torres de escadas visíveis no exterior, frequentes na arquitetura brasiliense mais antiga. O conjunto abdica, porém, da monumentalidade característica dos edifícios públicos dos períodos anteriores, em favor de proporções que não rompam com a horizontalidade da paisagem circunvizinha. A busca por analogias formais com as preexistências do entorno, como os autores do projeto reivindicam entre o auditório da FHE e o vizinho Oratório do Soldado (MGS + Associados 2011), remete a atitudes projetuais mais recentes, tributárias do contextualismo pós-modernista. Os tratamentos de superfície, por outro lado, apresentam soluções predominantes na atual arquitetura corporativa, em particular a multiplicação de cores e materiais, tanto no exterior quanto no interior, e a expressão de pele dupla em fachada.

SEDE DO SEBRAE

Projetado pelo escritório Gruposp (Álvaro Puntoni e João Sodré) com Luciano Margotto e Jonathan Davies, e vencedor de concurso nacional realizado em 2008, o edifício sede do Sebrae foi inaugurado em 2010 (Figura 11). Todos os arquitetos se formaram (FAUUSP, exceto Jonathan Davies, formado pela Belas Artes) e desenvolveram suas carreiras essencialmente em São Paulo. Puntoni ganhou destaque na imprensa especializada ao projetar, com Ângelo Bucci, o Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Sevilha (1992), que não chegou a ser construído. Nesse projeto, os arquitetos então recém-formados deram continuidade às referências formais do Brutalismo paulista, através de uma releitura da linguagem de Paulo Mendes da Rocha. Sendo o arquiteto mais experiente dentre os integrantes do Gruposp, Puntoni tem levado adiante reminiscências do Brutalismo em seus projetos recentes.



Figura 11. Sede do Sebrae: fachada principal. Fonte: autores

A sede do Sebrae integra-se a esse corpo de realizações do Gruposp reafirmando a continuidade das influências brutalistas, ainda que transformadas. O edifício, localizado na avenida L2 Sul, foi projetado para um terreno com diferença significativa de cota entre frente e fundo. Essa diferença permitiu que o programa se desenvolvesse em cinco níveis, todos parcialmente dotados de iluminação natural. A concepção do partido arquitetônico demonstra um esforço por não hierarquizar o contato com o solo,

assumindo a peculiar feição de ter um “térreo superior” e um “térreo inferior” (Puntoni *et al.* 2010), comum a outros edifícios coletivos em Brasília. Tal atitude projetual ecoa de modo distante a recusa, expressa por Theo van Doesburg, em hierarquizar frente e fundo, esquerda e direita, e talvez mesmo acima e abaixo, na arquitetura moderna (van Doesburg 1971). O acesso diante da via L2 é nivelado com a cota natural do terreno e tanto a circulação quanto a visual são contínuas, em virtude dos pilotis que, no memorial dos arquitetos, é justificado pela referência às superquadras de Brasília (Puntoni *et al.* 2010) (Figura 12). O térreo inferior, apesar de se aproximar à cota do fundo do lote, não possibilita, de fato, acesso ao exterior, restringindo a leitura onidirecional do projeto tão-somente à permeabilidade visual.

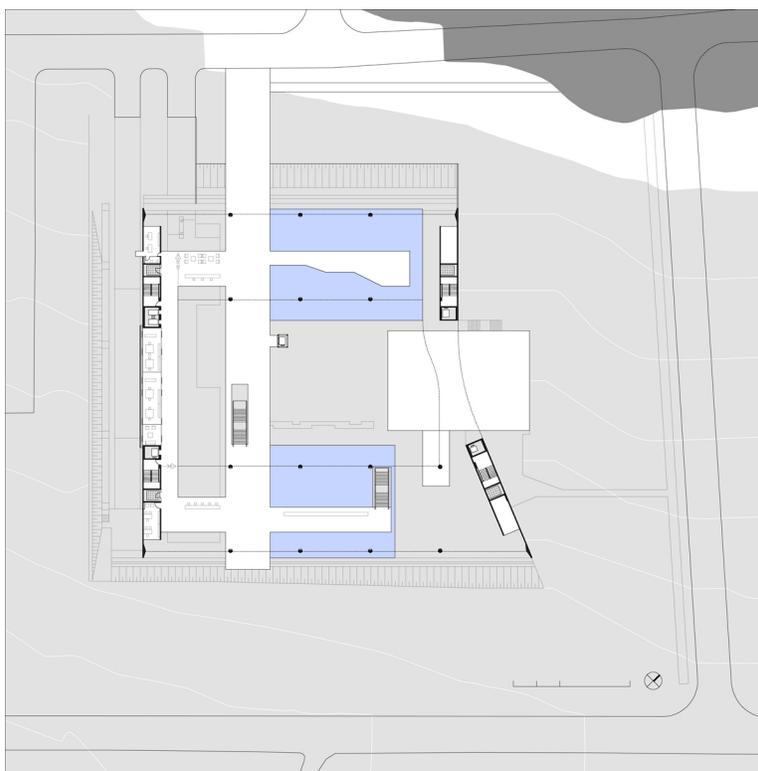


Figura 12. Sede do Sebrae: planta do pavimento térreo superior. Fonte: Puntoni et al. 2010

O programa se organiza em volume unificado e regular, quando visto externamente. A fachada norte, diante da rua lateral, curva-se, interceptando o volume semienterrado do auditório. As salas de escritórios se organizam em dois blocos paralelos, separados por um amplo pátio central e ligados por duas alas de circulação (Figura 13). Remete, assim, aos partidos mais comuns ao longo da avenida L2. Ao mesmo tempo, o pátio rememora a importância de espaços para atividades coletivas como o Salão Caramelo da FAUUSP. Desta feita, desenvolvem-se nos dois térreos do edifício do Sebrae atividades que envolvem público externo, tais como treinamentos e eventos. Diferentemente da solução brutalista típica, de monumentalizar a circulação vertical no interior desses espaços

coletivos, na sede do Sebrae as torres de circulação ficam ocultas na massa edificada, junto às maciças empenas de concreto aparente. Os elementos plásticos destacados no vazio central são de circulação horizontal: uma passarela retilínea que leva do acesso principal ao bloco de fundos, e um par de passarelas escultóricas sobrepostas formando um espaço de convivência e ligação secundária entre os dois blocos internos. Essas passarelas lembram as circulações introduzidas por Paulo Mendes da Rocha no edifício da Pinacoteca do Estado, em São Paulo (1994–1998).



Figura 13. Sede do Sebrae: pátio visto desde o norte. Fonte: autores

Não há cercamento ostensivo no térreo, mas o paisagismo constituído por espelhos d'água delimita e direciona a circulação para um acesso único.

Outra continuidade da linhagem brutalista é a importância plástica atribuída à estrutura do edifício. Duas grandes empenas laterais, formadas por paredes paralelas em concreto aparente, abrigam a circulação vertical e as áreas técnicas. Entre elas, estendem-se duas treliças metálicas em cada bloco, ocupando com grande visibilidade toda a altura do primeiro pavimento. Os pisos, por sua vez, são livres de apoios internos. A carga de cada treliça é suportada pelas empenas e três colunas formando pilotis nos pavimentos térreos. No térreo superior, projetam-se em balanço os espelhos d'água sobre o pavimento inferior. As passarelas da fachada norte, semelhantes a pontes, também demonstram essa ousadia estrutural, estando atirantadas sob uma viga de altura próxima à de um

pavimento inteiro (Figura 14). Ao exibirem solução estrutural mista em concreto e aço, divergem da tradição brutalista, cuja preferência recaía sobre a exclusiva expressão do concreto armado.



Figura 14. Sede do Sebrae: passarelas. Fonte: autores

Diferentemente das soluções consagradas pela arquitetura brutalista de São Paulo, o revestimento externo da sede do Sebrae não se configura como uma superfície unificada e sim como uma série de elementos de vedação, sobrepostos em duas peles e descontínuos. Os blocos de escritórios têm suas fachadas inteiramente envidraçadas, e estas por sua vez são protegidas por quebra-sóis móveis (Figura 15). Entre as duas peles há, assim como na FHE, passarelas técnicas.



Figura 15. Sede do Sebrae: quebra-sóis na orientação oeste. Fonte: autores

Além dos pilotis e do conceito de permeabilidade visual no térreo, outra concessão feita pelos arquitetos paulistas à arquitetura de Brasília é um painel de azulejos, concebido por Ralph Gehre, instalado junto ao auditório. O artista reivindica a continuidade da sua obra com o precedente estabelecido por Athos Bulcão (Gehre 2010, 55).

SEDE DO CONFEA

O concurso para a sede do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea, Figura 16) foi realizado em 1999, culminando na polêmica seleção, pelo cliente, do segundo colocado em detrimento dos vencedores, os arquitetos José Eduardo Gomes Guimarães e Manoel Balbino Carvalho Neto.⁵ A contratação se deu somente sete anos após a realização do concurso, sendo a obra concluída em 2010. O escritório contratado, Pedro Paulo de Melo Saraiva e Associados (Pedro Paulo de Melo Saraiva, Fernando Mendonça e Pedro de Melo Saraiva), atua há mais de cinquenta anos. A origem do escritório é paulista, tal como o anterior, é paulista, mas conta com obras representativas em Brasília, como a sede da Esaf.



Figura 16. Sede do Confea: fachada principal. Fonte: autores

A implantação do edifício é fortemente determinada pelas normas urbanísticas que incidem sobre o terreno, discutidas acima. Constitui-se de dois blocos, sendo o principal formado um prisma de quatro pavimentos sobre térreo recuado, afetando a aparência de pilotis mas sem a característica permeabilidade visual. O bloco secundário consiste na torre de circulação vertical. O programa compreende um auditório no térreo (Figura 17), quatro pavimentos com escritórios, e um restaurante na cobertura.

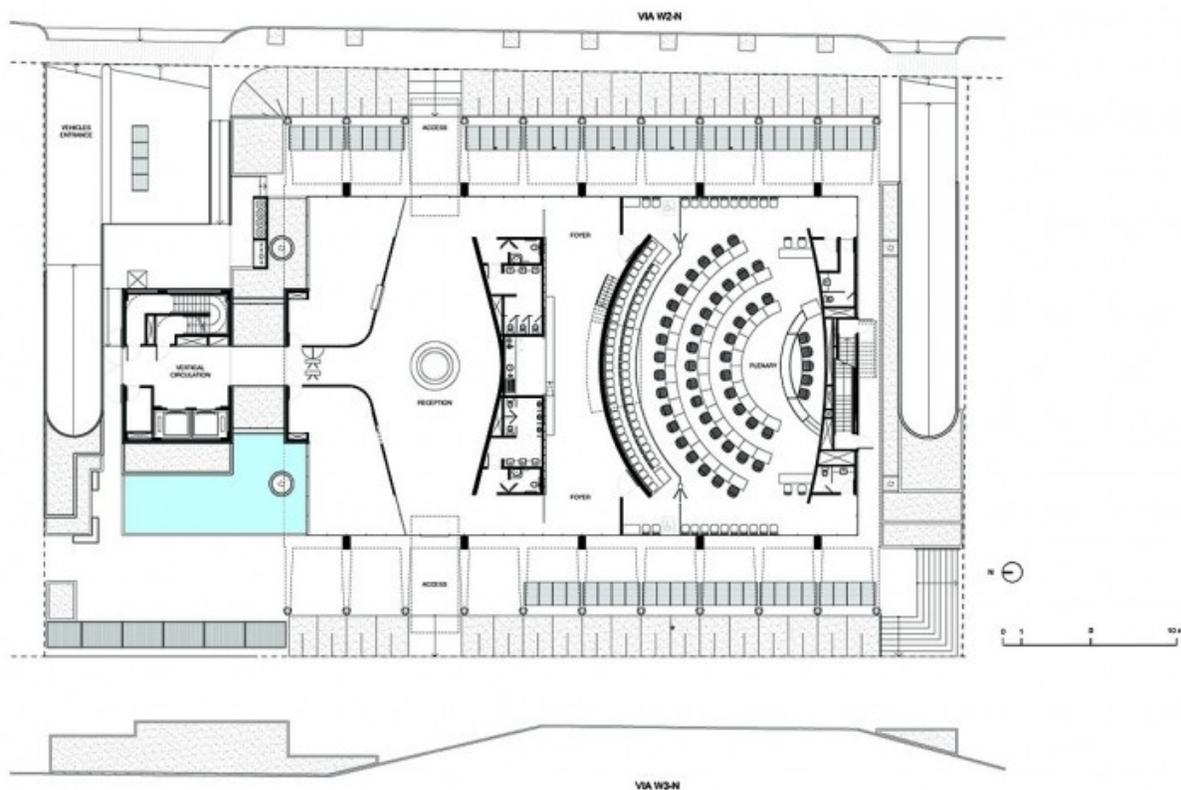


Figura 17. Sede do Confea: planta do pavimento térreo. Fonte: Sayegh 2011

Assim como na sede do Sebrae, neste edifício a ousadia estrutural também é valorizada, ainda que não explorada plasticamente. É constituída por elementos mistos, sendo vigas em aço e pilares em concreto moldado *in loco*. As vigas formam um vão livre interno entre apenas duas linhas de pilares, e são atirantadas nas suas extremidades externas (Figura 18). Os pavimentos tipo apresentam modulação ligeiramente diferente, possuindo o dobro do número de pilares nas mesmas duas linhas. A diferença é resolvida no primeiro pavimento, com o uso de uma grande treliça de transição sobre cada linha de pilares.



Figura 18. Sede do Confea: Galeria da fachada principal. Fonte: autores

A fachada possui peculiar sistema de revestimento com membrana têxtil perfurada, suspensa a 3,75 metros da pele de vidro. Esse sistema configura, assim como nos dois edifícios analisados acima, uma dupla pele com passarelas técnicas. Visam à proteção das fachadas contra a insolação direta, recusando, porém, o recurso aos convencionais quebra-sóis empregados na FHE e no Sebrae. Essa membrana e as molduras metálicas que a sustenta conformam um painel constituindo um ornamento geométrico. Distingue-se, assim, dos dois exemplos anteriores ao realizar sua expressão ornamental com formas que não são estritamente construtivas. As peles da fachada do volume principal são inteiramente transparentes à noite, e durante o dia oferecem um aspecto leve e tênue, contrastando com a caixa de circulação, revestida com painéis de alumínio. A ligação entre a torre e o prisma maior se dá, por sua vez, com passarelas encerradas em uma caixa de vidro transparente e volumetria modulada. A sede do Confea se aproxima, assim, da sede do Sebrae ao propor uma linguagem volumétrica sintética, e da FHE com o jogo de diversos materiais e cores.

O conceito determinante para os interiores do projeto é a flexibilidade, contando com plantas livres e sem espaços plasticamente marcantes. O memorial dos arquitetos, publicado na Revista *aU*, enfatiza a preocupação com a maximização da área livre como justificativa do partido adotado (Sayegh 2011).

CONCLUSÃO

A arquitetura recente produzida a partir de concursos em Brasília prima por estabelecer diálogos pontuais com o conjunto da cidade, remetendo a expressões construtivas e volumétricas presentes na história da construção da capital. Parte dessas relações é, contudo, determinada pelas próprias normas urbanísticas que condicionam gabaritos e em alguns casos, partidos. Ressalta-se, ademais, o interesse dos arquitetos em fazer referência à integração entre arquitetura e artes plásticas, como testemunham os painéis artísticos na FHE e no Sebrae, e em todas as três edificações estudadas o paisagismo com espelhos d'água.

Construtivamente, os edifícios estudados expressam uma pesquisa estrutural que se desenvolveu após a construção de Brasília, cujo marco temporal pode ser identificado nos anos 1980 com o recurso cada vez mais intenso às estruturas em aço combinadas com o concreto. Tais soluções vão de par com a gradual industrialização dos canteiros de obras no Brasil.

À exceção da sede do Confea, pautada pelo interesse em maximizar a área útil dentro de um terreno mais restritivo, os edifícios apresentam uma espacialidade generosa, configurada pela presença de átrios ou pátios que articulam fluxos horizontais e verticais de circulação, bem como são lugares de convivência. A presença de pátio ou átrio também sugere uma atualização da plástica brutalista, em passo com os recentes discursos relacionados à conservação de energia e à ventilação natural. Em todos os três exemplos, as fachadas são tratadas de modo a controlar a incidência de luz natural e fornecer uma ventilação vertical entre peles duplas. Reverberam, assim, opções difundidas na arquitetura contemporânea internacional.

As três obras inscrevem-se, assim, num contexto de interação entre duas influências. De um lado, mostram-se ainda vivas nesses projetos da primeira década século XXI as chamadas “escolas” modernistas de meados do século XX — a carioca e a paulista —, com presenças marcantes na construção da capital federal. De outro, fica patente que práticas recentes da arquitetura internacional de edifícios de escritórios, tais como peles duplas e os frequentemente criticados painéis metálicos, não se reportam apenas a interesses comerciais, mas fazem parte de opções construtivas que permeiam também as obras de caráter público.

Os memoriais redigidos pelos arquitetos autores dessas obras evidenciam a transparência — no sentido sociológico — dessa inserção histórica. Nas diferentes versões dos textos, mesmo após a conclusão das obras, observa-se a recorrência a conceitos como funcionalidade e “naturalidade” dos partidos adotados. Passam, assim, em grande parte ao largo das questões de composição e estética, demonstrando o quão introjetados esses conceitos se encontram na prática dos arquitetos.

¹É significativo que tenha sido o Plano Piloto de Brasília a ser tombado, e não a cidade de Brasília. Tal vocabulário denota a primazia dada na preservação da capital federal ao(s) projeto(s) em detrimento da realidade edificada, como discutido por Palazzo e Saboia (2012).

²Lucio Costa propôs a posteriori uma leitura do Plano Piloto de Brasília segundo quatro aspectos ou “escalas”: monumental, gregária, residencial e bucólica. Essa leitura foi consagrada no Decreto 10.829/87, que instituiu o tombamento do PPB, bem como no discurso dos urbanistas e preservacionistas.

³O termo foi cunhado pela autora para referir-se a formas de urbanização. A distinção entre um modernismo “clássico” e sua reprodução em caráter “periférico”, contudo, se aplica de modo igualmente pertinente à arquitetura das edificações.

⁴O memorial descritivo e o projeto executivo completo foram publicados por MGS + Associados na revista eletrônica *MDC* (MGS + Associados 2011).

⁵Uma vez que o edital do concurso exigia a contratação do primeiro colocado, o Confea contratou e pagou aos arquitetos vencedores pelo desenvolvimento do projeto executivo, e depois contratou o segundo colocado para a execução do mesmo serviço. A dupla contratação ensejou ação do Ministério Público contra o Confea e o escritório PPMS, a qual atualmente ainda tramita no Tribunal Regional Federal da Primeira Região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brito, Jusselma Duarte de. 2010. *De Plano Piloto a Metrópole: a Mancha Urbana De Brasília*. Brasília: Sinduscon.
- Carpintero, Antonio Carlos Cabral. 1998. "Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956–1998." Tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- Costa, Lucio, Maria Elisa Costa, e Adeildo Viegas de Lima. 1985. *Brasília 57-85: Do plano-piloto ao Plano Piloto*. Brasília: Governo do Distrito Federal : Secretaria de Viação e Obras / Companhia Imobiliária de Brasília.
- Gehre, Ralph. 2010. "Painel Gavião." In *Nova Sede Sebrae Nacional*, org. Ana Canêdo and Antônio Francisco Viegas. Brasília: Sebrae.
- Kohlsdorf, Maria Elaine. 2005. "Brasília Entre a Preservação e o Crescimento." In *Visões de Brasília: Patrimônio, Preservação e Desenvolvimento*, edited by Otto Ribas, 41–62. Brasília: Instituto de Arquitetos do Brasil.
- Leitão, Francisco, e Sylvia Ficher. 2010. "A Infância Do Plano Piloto: Brasília, 1957–1964." In *Brasília 50 Anos: Da Capital a Metrópole*, org. Aldo Paviani, Frederico Flósculo Pinheiro Barreto, Ignez Costa Barbosa Ferreira, Lúcia Cony Faria Cidade, e Sérgio Ulisses Jatobá, 97–135. Brasília: EdUnB.
- MGS + ASSOCIADOS. 2011. Sede da Fundação Habitacional do Exército - Brasília - DF. *mdc . revista de arquitetura e urbanismo*. <http://mdc.arq.br/2011/02/25/sede-da-fundacao-habitacional-do-exercito-brasilia-df/>.
- Palazzo, Pedro Paulo, e Luciana Saboia. 2012. "Capital in a Void: Modernist Myths of Brasilia." In *Modernism Unbound: Myths, Practices, and Policies*. Berkeley, Cal.: International Association for the Study of Traditional Environments.
- Puntoni, Álvaro, Luciano Margotto, João Sodré, e Jonathan Davies. 2010. "Projeto." In *Nova Sede Sebrae Nacional*, org. Ana Canêdo and Antônio Francisco Viegas. Brasília: Sebrae.
- Sayegh, Simone. 2011. "Na Sede Do Confea, Em Brasília, PPMS Arquitetos Associados Privilegia a Integração Visual Com Planta Livre E Fachada Translúcida." *AU - Arquitetura E Urbanismo* (mai.). <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/206/artigo214776-1.asp>.
- van Doesburg, Theo. 1971. "Towards a Plastic Architecture." In *De Stijl*, org. Hans Ludwig C. Jaffé, 185–188. New York: H. N. Abrams.